

ANEXO

DOCUMENTO NORTEADOR PARA A PRODUÇÃO E SUBMISSÃO DE ARTIGOS À REVISTA ONLINE “CME em Foco”

O documento ora apresentado tem por objetivo subsidiar a produção de artigos para pessoas interessadas em publicar na CME em Foco - Revista do Conselho Municipal de Educação de Manaus e oferecer orientações quanto à estrutura de um artigo. Seu modelo está pautado nas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Ressalta-se que os artigos encaminhados são de total responsabilidade de seus autores, ficando os direitos autorais cedidos à Revista, quando do envio para publicação. E a publicação de artigos está condicionada a pareceres favoráveis de membros do Conselho Editorial.

Partes que compõem um artigo científico:

Título

Autor (a) (es)

Resumo / Palavras-chave

Introdução

Desenvolvimento

Conclusão/Considerações Finais

Referências

1. TÍTULO DA PUBLICAÇÃO

O título da publicação (no caso da CME em Foco, o artigo) deve ser proposto de modo a convidar o leitor, chamar sua atenção, além de despertar seu interesse pela temática que está sendo apresentada pelo autor. O título deve ser claro, preciso, para identificar o conteúdo do texto, possibilitando sua indexação e recuperação das informações.

Especificamente para as publicações na Revista CME em Foco, o título deve ser escrito em fonte tamanho 12 (Arial ou Times New Roman), em negrito e centralizado na página.



2. AUTOR(ES)

O(s) nome(s) do(s) autor(es) deve(m) ser escrito(s) logo abaixo do título, alinhado(s) à direita, incluindo nota de rodapé e na nota de rodapé incluir as demais informações do(s) autor(es).

3. RESUMO

Pode-se dizer que, depois do título, o resumo é o convite ou não, à leitura do artigo, considerando que é onde o leitor terá acesso às informações básicas sobre o texto, quais sejam: introdução, desenvolvimento, conclusão. Para tanto, de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), o resumo deve ser conciso e claro ao apresentar os pontos mais relevantes do texto.

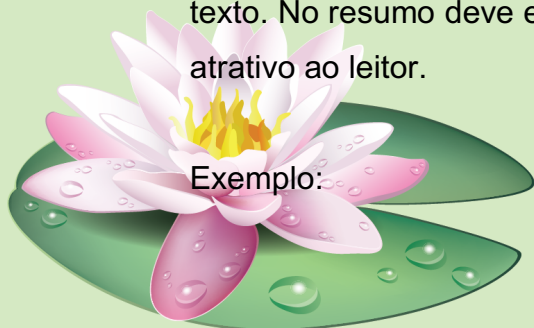
Ainda com base na ABNT, a estrutura do resumo deve acompanhar a seguinte orientação:

- ✓ conter entre 100 e 250 palavras, todas em um único parágrafo;
- ✓ o texto deve estar redigido na 3ª pessoa do singular, com verbo na voz ativa. Exemplo: “Este trabalho apresenta uma análise sobre a situação política do Brasil [...] Verificou-se que, diante do cenário de incertezas...”;
- ✓ evitar abreviações e não utilizar referências bibliográficas;
- ✓ conter entre 3 e 5 palavras-chave, ao final, separadas por ponto e finalizadas por ponto.

O resumo deve ter a seguinte formatação: fonte Times New Roman ou Arial, tamanho 12; título alinhado à esquerda, em caixa alta e em negrito; texto e palavras-chave justificados e com espaçamento simples entre linhas.

Recomenda-se que o resumo seja o último tópico a ser escrito, pois como já mencionado, é nele que estará apontado o que há de mais importante em todo o texto. No resumo deve estar descrita a essência do trabalho, de maneira que o torne atrativo ao leitor.

Exemplo:



RESUMO

Este texto visa refletir sobre a Educação Infantil, direito da criança brasileira, cujo objetivo é a formação integral de meninos e meninas de zero a cinco anos de idade, atuando sobre a formação de suas diferentes linguagens, capacidades, afetos e de sua personalidade. Um trabalho de tal magnitude exige que aqueles que a ele se dedicam desenvolvam conhecimentos teórico-práticos que contribuam para uma prática pedagógica intencional, imbuída dos princípios do respeito às especificidades da criança; da valorização das interações e da brincadeira; do diálogo com famílias e comunidades e da organização de tempos, espaços e relações capazes de aproximar as crianças do conhecimento humano em suas diferentes dimensões e expressões. O desenvolvimento integral (físico, psicológico, intelectual e social) da criança, em creches e pré-escolas, depende da construção de uma escola da infância em que a ênfase em conteúdos disciplinares seja substituída por experiências envolventes, que possibilitem a atividade infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil. Desenvolvimento Humano. Direito da Criança.

4. INTRODUÇÃO

A introdução busca situar o leitor no contexto da temática que está sendo abordada, oferecendo uma visão global, esclarecendo as delimitações estabelecidas na abordagem do assunto e as razões que levaram o autor a tratar do tema em questão (ABNT 6023).

Exemplo:

INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe uma discussão teórica que tem como base as pesquisas realizadas por Freire (2009, 2013, 2015) e Sá (2015), a respeito da docência em tempos de educação a distância. Trata-se de um recorte bibliográfico que destaca a articulação teórica realizada por ambas as pesquisadoras, visando apresentar a divisão do trabalho educativo, evidenciando a importância da ação educativa e das concepções sobre docência, a partir do resgate de teóricos como Tardif e Levasseur (2011), sobre a ação na perspectiva de Arendt (2007) e Morin (2009), propondo uma discussão a respeito da fragmentação da docência no âmbito da educação a distância. Assim, na sessão sobre docência e ação educativa, é



possível compreender a relação complexa entre sujeitos e educação, com destaque para um olhar complexo sobre os sujeitos e a educação. Na sessão sobre docência e tutoria, destaca-se a articulação teórica sobre esses dois construtos, tendo como norte a questão da divisão do trabalho educativo revelado pela desvalorização dos profissionais considerados não docentes que, ao mesmo tempo, lidam com as questões dos alunos. Assim, este artigo é um convite para um olhar teórico a partir das contribuições da complexidade de Morin (2009), pois revela argumentos importantes em defesa da docência complexa em tempos de educação a distância.

5. DESENVOLVIMENTO

Conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) NBR 6022:2018, o desenvolvimento é a “parte principal do artigo, onde contempla a exposição ordenada e pormenorizada do assunto tratado”.

É onde o autor discute as ideias de outros autores sobre o assunto abordado (fundamentação teórica). Quando o artigo apresentar resultados de pesquisa de campo ou relatos de experiência, devem ser colocados nesta parte os procedimentos metodológicos. Também devem ser especificados: “tipo de pesquisa, população e amostragem, instrumentação, técnica para coleta de dados, tratamento estatístico, análise dos resultados, entre outros, podendo ser enriquecido com gráficos, tabelas e figuras” (Passo a passo de como desenvolver um artigo científico).

A estruturação do texto deve seguir uma organização lógica e poderá ser subdividida em seções e subseções, conforme a ABNT NBR 6024:2012. O título dessa seção não deve ser grafado com a palavra “desenvolvimento”, mas sim, com um título escolhido pelo autor, e se houver necessidade subdividi-lo.

Exemplo:

1. Educação formal, informal e não formal

1.1 Conceitos e objetivos

Os termos formal, não formal e informal são de origem anglo-saxônica,



surgidos a partir de 1960. Vários fatores ocasionados pela segunda Guerra Mundial desencadearam uma crise educacional nos países do primeiro Mundo, dentre eles: a) os sistemas escolares não conseguiam atender a grande demanda escolar; b) os sistemas escolares não cumpriam seu papel em relação à promoção social e; c) a não formação de recursos humanos para as novas tarefas que surgiam com a transformação industrial. Com isso ocorreu, de um lado, a exigência de um planejamento educacional e de outro, a valorização de atividades e experiências não escolares, tanto ligadas à formação profissional quanto à cultura geral (FÁVERO, 2007).

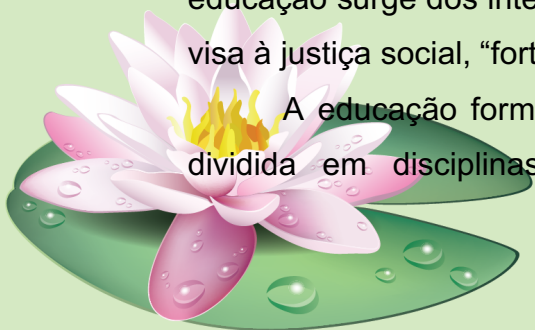
Segundo Gohn (2006, p. 28), quando se fala em educação não formal, é quase impossível não a comparar com a educação formal, a autora faz uma distinção entre as três modalidades, demarcando seus campos de atuação:

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e cultura próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas.

Sendo assim, a educação formal tem um espaço próprio para ocorrer, ou seja, ela é institucionalizada e prevê conteúdos, enquanto a educação informal pode ocorrer em vários espaços, envolve valores e a cultura própria de cada lugar. Já a educação não formal ocorre a partir da troca de experiências entre os indivíduos, sendo promovida em espaços coletivos.

Quanto aos objetivos de cada uma das modalidades, Gohn (2006), destaca para a educação formal os concernentes ao “ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados”, que prepara o indivíduo para atuar em sociedade como cidadão ativo. A educação informal tem como objetivo socializar os indivíduos e desenvolver hábitos e atitudes, isso ocorre de acordo com a cultura e os valores de cada grupo. A finalidade da educação não formal é proporcionar conhecimento sobre o mundo que envolve os indivíduos e suas relações sociais. Esse tipo de educação surge dos interesses e necessidade das pessoas de cada grupo e quando visa à justiça social, “fortalece o exercício da cidadania” (GOHN, 2006 p. 29).

A educação formal é metodicamente organizada, ela segue um currículo, é dividida em disciplinas, segue regras, leis, divide-se por idade e nível de



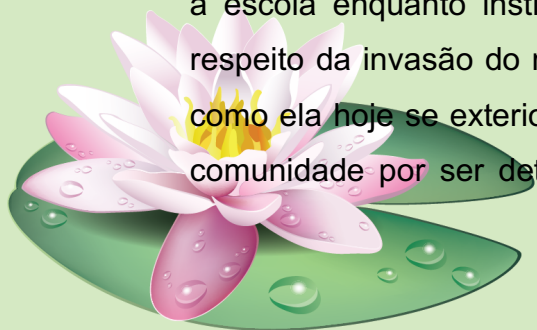
conhecimento. Diferentemente daquela primeira, a educação informal é um processo permanente e não organizado”. Enquanto a educação não formal trabalha com a subjetividade do grupo e contribui para sua construção identitária (GOHN, 2006). Percebe-se nas três modalidades características diferenciadas, entretanto, a nosso ver podem ser complementares.

Segundo Gohn (2006, p. 31), os resultados esperados para cada um dos três tipos de educação são: para a educação formal, a aprendizagem e a titulação; para a educação informal os resultados acontecem a partir da visão do senso comum; enquanto que na educação não formal há o desenvolvimento de vários processos, dentre eles: “consciência e organização de grupo”, “construção e reconstrução de concepções”, “sentimento de identidade”, “formação para a vida”, “resgate do sentimento de valorização de si próprio”, “os indivíduos aprendem a ler e interpretar o mundo que os cerca”. Um bom exemplo de educação não formal está na Pedagogia utilizada por Paulo Freire, onde os educandos nos “círculos de cultura” discutiam sua realidade e faziam além da leitura da palavra, a leitura de mundo.

Gohn (2006) ressalta a importância da educação não formal, pois está “voltada para o ser humano como um todo”, entretanto, afirma que àquela não substitui a educação formal, mas poderá complementá-la através de programações específicas e fazendo uma articulação com a comunidade educativa. Embora ambas as modalidades tenham objetivos bem similares, como a formação integral do ser humano, a educação não formal tem objetivos que lhe são próprios, devido à forma e ao espaço em que se realizam suas práticas. Mais uma vez observamos a complementaridade das modalidades de educação das quais estamos tratando, embora ocorram em locais diferentes e tenham objetivos específicos.

1.2 Educação formal, informal e não formal em ciências

Como foi abordada anteriormente, a educação formal é aquela que acontece no espaço escolar institucionalizado, onde há um currículo a seguir, normas a cumprir e onde o principal objetivo é a aprendizagem. Chassot (2003) discorre sobre a escola enquanto instituição formal em uma sociedade globalizada, relatando a respeito da invasão do mundo exterior nas salas de aula, e por outro lado, a forma como ela hoje se exterioriza. Em tempos anteriores, a escola servia de referência à comunidade por ser detentora do conhecimento, diferentemente de hoje, onde os



conhecimentos do mundo exterior adentram no mundo escolar. Em muitos casos, os alunos estão muito mais informados do que os próprios professores que muitas vezes não têm acesso à internet, TV a cabo, etc. Na visão daquele autor, a globalização provocou uma “inversão no fluxo de conhecimento”, sendo hoje, da comunidade para a escola. Sendo assim, faz-se necessário que a escola reveja seu papel em relação à disseminação do conhecimento.

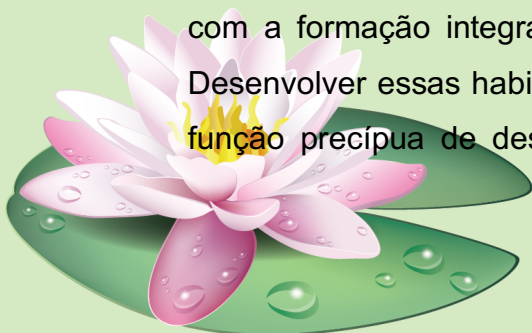
O ensino de ciências, entre os anos 80 e início dos anos 90, era centrado na aquisição de conhecimentos científicos, o professor se preocupava com a quantidade de páginas do livro que eram repassadas ao estudante. Hoje é inconcebível um currículo que não esteja voltado para “aspectos pessoais e sociais” dos estudantes (CHASSOT, 2003).

Krasilchik (2000) chama a atenção em artigo escrito sobre as reformas ocorridas no ensino de ciências, que à medida que a ciência e a tecnologia foram consideradas como importantes para o desenvolvimento econômico, social e cultural, o ensino das ciências também foi se tornando importante chegando a fazer parte das diversas reformas educacionais ocorridas em todo o mundo. Os conteúdos e temas trabalhados nas disciplinas refletem as ideias sobre Ciência. À medida que os problemas sociais foram surgindo no mundo, outros temas foram sendo incorporados aos currículos. No Brasil temas contemporâneos como: educação ambiental, saúde e educação sexual foram vinculados ao currículo e denominados de “temas transversais”.

Moreira (2004, p.1) conceitua educação em ciências de forma bem abrangente distinguindo-a do treinamento científico, que prepara o futuro cientista e está voltado para o “fazer ciência” e as teorias científicas:

A educação em ciências, por sua vez, tem por objetivo fazer com que o aluno venha a compartilhar significados no contexto das ciências, ou seja, interpretar o mundo desde o ponto de vista das ciências, manejar alguns conceitos, leis e teorias científicas, abordar problemas raciocinando cientificamente, identificando aspectos históricos, epistemológicos, sociais e culturais das ciências.

Esse conceito de educação em ciências demonstra a preocupação do autor com a formação integral do estudante no que diz respeito à educação científica. Desenvolver essas habilidades requer preparação por parte do professor que tem a função precípua de despertar no estudante o gosto, a curiosidade e o interesse



pelas questões que envolvem a ciência.

Segundo Marques (2002) existe um espaço próprio onde a educação trata do conhecimento científico, este lugar são as escolas com os seus níveis de ensino, suas regras e procedimentos, entretanto, ela não pode mais ater-se somente a esse espaço, faz-se necessário lançar mão de outros ambientes que possam favorecer uma aprendizagem mais significativa e instigante aos estudantes.

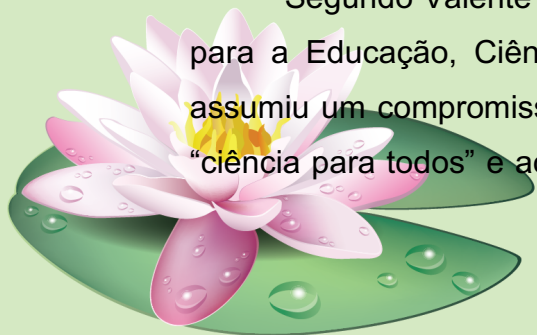
Para Rocha (2008, p. 62), a escola tem um papel importantíssimo no movimento de alfabetização científica, “porém, ela não é capaz de fazer isso sozinha, uma vez que, o volume de informação é cada vez maior, por isso a importância de uma parceria desta com outros espaços onde se promove a educação não-formal”. É importante que a escola incorpore essa atividade de visita a esses espaços de divulgação científica em seu planejamento anual, mas não somente como atividade complementar e espaço de lazer, mas como parte do processo de ensino e aprendizagem, ou seja, trabalhando os conteúdos de ensino das ciências naturais.

Vieira (2005) define a educação não formal como aquela que acontece fora do ambiente escolar, podendo ocorrer em vários espaços, institucionalizados ou não:

Assim, a educação não-formal pode ser definida como a que proporciona a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em espaços como museus, centros de ciências, ou qualquer outro em que as atividades sejam desenvolvidas de forma bem direcionada, com um objetivo definido (VIEIRA, 2005 p. 21).

Observamos que a educação não formal em Ciências está voltada para a utilização de vários espaços educativos onde se pode proporcionar a aprendizagem de forma mais prazerosa, levando o estudante à apreensão de conteúdos previstos no currículo do espaço formal, como demonstra a autora supracitada em pesquisa realizada com alunos do segundo segmento do ensino fundamental após uma visita a um espaço não formal: “a avaliação mostrou que essa aula é importante no processo de aprendizagem dos conteúdos abordados, além de ter sido reconhecida como estimulante pelos alunos”.

Segundo Valente (2005), na década de 80 a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - UNESCO, juntamente com vários países, assumiu um compromisso em relação à Educação em Ciências, em que a ideia de “ciência para todos” e ao longo da vida foi propagada. Nesse aspecto fica cada vez



mais evidente que a educação científica não diz respeito somente à escola, mas a outros setores da sociedade como afirma Fenshan apud Valente (2005 p. 54):

O conhecimento que o público adulto tem sobre os temas científicos mais atuais e relevantes, não vem das experiências escolares, mas da ação da divulgação científica, da mídia eletrônica de qualidade e dos museus de ciência, que trazem para as suas exposições, tanto os conhecimentos científicos/tecnológicos clássicos, quanto as temática atuais e/ou polêmicas.

Portanto, os espaços de divulgação científica, tornam-se imprescindíveis para o desenvolvimento da educação científica não somente para aqueles que frequentam a escola, mas para todos os cidadãos que de uma forma ou de outra participam da vida em sociedade.

O conceito de “ciência para todos” está ligado ao movimento de alfabetização científica surgido no Brasil na década de 70. Pesquisas de opinião indicavam uma visão negativa por parte da população a respeito do papel da ciência e dos cientistas, tudo isso em consequência dos danos causados com as descobertas científicas em detrimento de seus benefícios. Tal situação foi detectada em vários países, sendo mobilizadas ações governamentais no sentido de proporcionar a alfabetização científica da população (KRASILCHIK, 2007).

Segundo essa mesma autora, há várias iniciativas nos últimos anos para promoção da alfabetização científica, entre elas: revistas de divulgação científica, jornais e centros de cultura científica. Nesse sentido, ela diz ser necessária a tradução e recontextualização dos saberes científicos com o intuito de torná-los compreensíveis ao público em geral, dessa forma os espaços de educação não formais e informais tem grande contribuição a dar, entre eles, ela destaca: os museus, os programas educativos no rádio e na TV e os meios impressos.

Podemos perceber por meio dos autores citados que a educação informal em ciências ocorre pelos meios de divulgação científica. Para Jacobucci (2008, p. 64) “esses espaços de Ciência e Cultura serão aliados da escola e da mídia na formação da cultura científica brasileira”.

Dessa forma, pode-se inferir que as três modalidades de educação se complementam, a educação não formal e informal através de seus espaços educativos, podem estar oportunizando a aprendizagem de conteúdos da educação formal. Por outro lado, as pessoas que estão fora do processo educativo formal



quando em contato com espaços de educação não formal e informal, terão a possibilidade de ter acesso às informações sobre a ciência e a tecnologia, estando em consonância com o que propõe o relatório da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI que destaca a educação ao longo da vida.

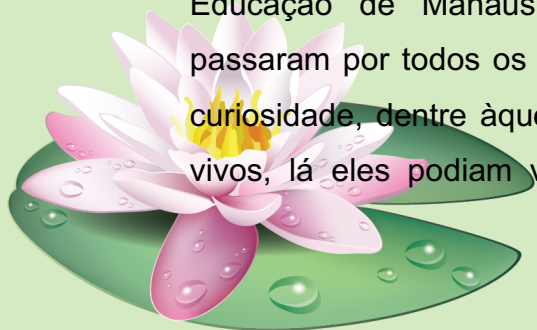
2. Circuito da Ciência: uma experiência de popularização da Ciência no Bosque da Ciência do INPA

Para ilustrar o que se discorreu anteriormente, mencionaremos a seguir exemplo de uma instituição que trabalha com pesquisa científica e que nas dependências do seu espaço, funciona outro espaço onde é demonstrado o resultado de suas pesquisas ao público em geral, denominado Bosque da Ciência.

O Bosque da Ciência é uma área de aproximadamente treze (13) hectares, localizado no perímetro urbano da cidade de Manaus, na zona Leste. Foi inaugurado em 1º de abril de 1995 com o objetivo de promover e fomentar o programa de Difusão Científica e de Educação Ambiental do Instituto de Pesquisas da Amazônia - INPA, ao mesmo tempo preservando os aspectos da biodiversidade existente no local.

O Projeto Circuito da Ciência é uma ação de inclusão social e de popularização da ciência onde são realizadas atividades socioeducativas junto às comunidades da periferia, levando informações sobre os projetos desenvolvidos na própria instituição, a saber: malária, dengue, leishmaniose, grandes bagres, educação ambiental, nutrição, projeto Tartarugas da Amazônia, Mamíferos Aquáticos da Amazônia, qualidade da água. O projeto é promovido mensalmente e conta com a ajuda de professores, pesquisadores, estudantes, empresários, voluntários que auxiliam nas exposições, palestras, oficinas educativas, caminhadas nas trilhas, etc.

No dia 26 de março de 2011 foi realizada a primeira edição do projeto Circuito da Ciência, cuja atividade tivemos oportunidade de acompanhar. Participaram do evento aproximadamente 300 crianças do ensino fundamental da rede pública de Educação de Manaus, acompanhadas de seus professores. Os estudantes passaram por todos os ambientes, entretanto, alguns despertavam mais atenção e curiosidade, dentre àqueles pode-se destacar a tenda dos invertebrados terrestres vivos, lá eles podiam ver os animais e tocá-los. A “aranha caranguejeira” foi a



atração principal, alguns, menos nervosos puderam sentir o animal passeando por seus membros (Foto 1).

Outro espaço bem interessante do qual as crianças interagiram bastante era o “Projeto Insetos Aquáticos: biodiversidade, ferramentas ambientais e a popularização da ciência para a melhoria da qualidade de vida humana no Estado do Amazonas”. Ali era apresentado o interessante mundo dos insetos, fornecendo-lhes informações sobre o ciclo de vida e ecossistemas aquáticos por meio de exposição, manuseio e jogos interativos.

6. CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A “conclusão” ou “considerações finais” é o espaço do texto no qual serão listados os resultados obtidos, seja confirmando ou negando as hipóteses ou argumentos iniciais, confrontando-os com os objetivos traçados. Para Souza (1991), a conclusão “[...] é um espaço destinado a respostas, a afirmações, a opiniões e não à formulação de ideias novas (não colocadas no desenvolvimento), a interrogações, que ficarão sem respostas.”

Especificamente para os trabalhos acadêmicos, a maioria das instituições formadoras disponibilizam manuais para seus estudantes de forma a auxiliá-los no desenvolvimento de suas atividades. Abaixo extraiu-se o que expressam duas dessas instituições sobre a conclusão.

Conforme o Manual de Elaboração de Trabalhos Acadêmicos da UNISINOS:

A Conclusão (ou Considerações Finais, verifique com seu orientador) apresenta, de forma sintética, os resultados do trabalho, salientando a extensão de sua contribuição e os méritos alcançados. Deve basear-se em dados comprovados e fundamentar-se nos resultados e na discussão do texto, com deduções lógicas correspondentes aos objetivos do trabalho. (UNISINOS, 2021, p. 30).

Outra importante contribuição foi destacada do MANUAL BÁSICO PARA ELABORAÇÃO DE ARTIGO CIENTÍFICO da UFRGS:

[...] após a análise e discussões dos resultados, são apresentadas as conclusões e as descobertas do texto, evidenciando com clareza e objetividade as deduções extraídas dos resultados obtidos ou apontadas ao longo da discussão do assunto. Neste momento são relacionadas às diversas ideias desenvolvidas ao longo do trabalho, num processo de síntese dos principais resultados, com os comentários do autor e as



contribuições trazidas pela pesquisa. Cabe, ainda, lembrar que a conclusão é um fechamento do trabalho estudado, respondendo às hipóteses enunciadas e aos objetivos do estudo, apresentados na Introdução, onde não se permite que nesta seção sejam incluídos dados novos, que já não tenham sido apresentados anteriormente. (UFRGS, 2011, p. 3).

Os diversos manuais expressam o que determina a ABNT 6022/2003 sobre a conclusão: “Parte final do artigo, na qual se apresentam as conclusões correspondentes aos objetivos e hipóteses.” Portanto a conclusão deve ser apresentada com as características mencionadas de forma a completar o trabalho desenvolvido e coroar o êxito da finalização de uma etapa, seguindo-se as demais orientações e normas recomendadas para a publicidade do material no veículo a ser utilizado.

Exemplo (artigo publicado na Revista CME em Foco):

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, embora o Conselho Municipal de Educação de Manaus tenha sido criado com características de órgão de Estado, o grande desafio dos conselheiros representantes dos principais segmentos - que buscam a melhoria da Educação Municipal - é transformar esse espaço com participação direta dos cidadãos nas decisões coletivas e no controle público e democrático da sociedade civil no gerenciamento das ações voltadas à Educação. A experiência do Conselho Municipal de Educação nos permite afirmar que a participação popular exige definições claras de suas atribuições, sendo necessário aos conselheiros: formação contínua, eleição do presidente pelos pares, reuniões periódicas, condições materiais de funcionamento, apoio técnico e material ou pagamento de ajuda de custo, imprescindível às eventuais despesas inerentes à participação. Na realidade, grupos da sociedade civil desempenham papel fundamental na discussão de problemas, na concepção de alternativas e na busca de medidas que possam levar à sua adoção pelos Conselhos de Educação. Estes se constituem como órgãos colegiados autônomos, com o papel de garantir a continuidade das políticas educacionais, frente à transitoriedade dos governos, assumindo o compromisso do desenvolvimento social da educação.



7. REFERÊNCIAS

Devem ser apresentadas em ordem alfabética crescente (a- z), conforme norma técnica da ABNT (NBR 6023:2018) e obedecer a seguinte ordem e formatação: SOBRENOME, Nome. Título: subtítulo (se houver). Edição (se houver). Local de publicação: Editora, ano de publicação da obra.

Exemplo:

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

